

o Evangelho. Ambos formam, de fato, uma aliança terapêutica que supera as conseqüências da ruptura entre os dois ao longo da história. Há, pois, uma ligação estreita entre o apelo do Evangelho para transformar o mundo a partir do horizonte do Reino de Deus e a ação dos pajés que curam com a força do reino encantado do fundo. Estes dois conceitos-chave compartilham o mesmo sonho de restabelecer a pessoa humana, constantemente vulnerável, de maneira integral. Ambos constituem o eixo dinamizador para a evangelização inculturada entre os ribeirinhos na região do Baixo Amazonas.

Assim, a tarefa permanente da missão que motivou e orientou este estudo tem um objetivo claro: o de fortalecer os diferentes *projetos de vida* no seu intuito de promover a plenitude da vida de seus integrantes. A missão da Igreja é estar a serviço deste empreendimento, dando voz àqueles que, durante muito tempo, foram condenados ao silêncio.

Karl Heinz Arenz é Doutor em Teologia Dogmática com Concentração em Missiologia pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora Assunção, São Paulo, SP.

O FENÔMENO URBANO E A EVANGELIZAÇÃO – DESENVOLVIMENTO E CONSEQÜÊNCIAS NA PRÁTICA PASTORAL

Pe. Dr. Lourenço Gauci

INTRODUÇÃO

A cidade contemporânea se transformou num dos maiores desafios para a Evangelização e para a Igreja como sua anunciadora. Neste tempo de graça, em vista do 3º milênio, no qual muitas Igrejas Particulares estão empenhadas no trabalho missionário, os cristãos em geral, diríamos, todos nós, agentes de pastoral, se quisermos levar a sério a nossa pertença eclesial e a nossa ação evangelizadora no mundo, não podemos desconhecer o impacto social que o fenômeno urbano exerce sobre os homens e às mulheres secularizados. Daqui, portanto, podemos afirmar que o tema é interessante, empolgante, atual e ao mesmo tempo, complexo e sugestivo.

Assim, neste trabalho procurarei *ver, julgar e agir*. *Ver* as origens do fenômeno urbano e a sua evolução econômica, política, social e histórica na Europa, nos Estados Unidos, na América Latina e de modo específico no Brasil; *ver* as tendências do desenvolvimento urbano nos Estados Unidos e na Europa que se baseiam

num sistema capitalista com uma industrialização avançada. *Ver* a sociedade Latino-americana em sua constituição, preponderantemente capitalista, seguidora que é de um processo semelhante e, ao mesmo tempo, diverso do primeiro mundo, ressaltando o fato de que na Europa o processo urbano levou mais de 1000 anos enquanto que, na América Latina, deu-se em menos de 100. E isto acarreta – usando uma frase da CNBB – “um devastador e humilhantes flagelo da situação da pobreza em que vivem milhões de brasileiros”. *Julgar* as características da evangelização inculturada e os efeitos da modernidade nas pessoas envolvidas no fervilhar das cidades brasileiras; *julgar* como o ensinamento da Palavra Divina, como também do Magistério Pontifício, do CELAM E da CNBB iluminam os aspectos tão importantes para a evangelização da cidade. *Agir*, descrevendo as duas experiências pastorais das Igrejas Particulares de Santo André e de Belo Horizonte. A Diocese de Santo André quer colocar em prática as quatro exigências da

evangelização descritas nos documentos da CNBB n. 54 e n.61. A Arquidiocese de Belo Horizonte, através de seu Projeto Pastoral *Construir a Esperança* que serve de destaque na caminhada da Ação Pastoral da cidade e de modelo concreto para a pregação da Palavra aos homens e às mulheres que vivem nas cidades brasileiras, cidades, essas, tão dinâmicas, é ao mesmo tempo tão caóticas em todos os campos.

Inicialmente, procurarei descrever a etimologia da palavra cidade em diversas línguas. A cidade pode ser identificada sobre diversos critérios e perspectivas como por exemplo; o antagonismo entre campo e cidade; ou ainda podemos identificar as suas atividades econômicas, político-administrativo, social e religiosa que nela se desenvolvem. Geralmente, e em primeiro lugar, para informar o tamanho da cidade, o fator demográfico é levado em conta. Para informar se uma determinada cidade é desenvolvida, os critérios usados são o acesso às necessidades básicas, o espaço, o nível de industrialização e os empregos que ela possa oferecer aos que nela residem.

ORIGEM

Cidade, em grego: *πολις;εως*; em Latin: *Urbs, Urbis*; em alemão *Stadt*; em Inglês *city* se for cidade maior, *town*, se for cidade pequena; em espanhol e português: *ciudad* e *cidade*. Etimologicamente falando, os dois termos franceses da cidade *cit e* e *ville*, s ao no m ınimo curiosos para n ao dizer muito interessantes. Na idade m edia, o termo *cit e* foi reservado para a povoa ao onde reside o bispo, o mesmo termo, porém, embora   usado hoje, concorre com o termo *ville* que, originariamente, se referia ao latifúndio rural.

Conforme Lewis Mumford¹, o desenvolvimento da cidade aconteceu no tempo neolítico ou seja há 5500 anos na Babilônia, na China, no Egito e, com a descoberta do Novo Mundo, foram encontradas as cidades dos Astecas, Incas e Maias, que após 1500 foram destruídas e abandonadas pelos conquistadores ibéricos.   importante observar que no passado alguns fatores colaboraram imensamente para o desenvolvimento da cidade: a institui o familiar, a religião, ou seja, o altar, onde as famílias se encontram

para oferecer os sacrifícios. Em nossos dias, as ciências sociais enriqueceram e contribuíram imensamente para o fenômeno urbano. A arquitetura do tijolo cozido condicionou o homem a fixar sua residência, já que ele não poderá mais transferir o seu *habitat* como quando era nômade e habitava em tendas. O mesmo passou a ser sedentário e agricultor dando o primeiro passo importante no surgimento e na evolu o da cidade.

A **civiliza o grega** transpôs a aldeia para a *polis* ou seja: a cidade clássica e, simultaneamente, os princípios democráticos em setores, polarizando a cidade num modelo de política, lazer (através do teatro e dos jogos olímpicos e do bem-estar social) para os cidadãos gregos.

O **Império Romano** conseguiu determinar a planta de cinco mil cidades durante séculos na Europa e na Ásia Menor. A contribui o de Roma na constru o da cidade veio através do elemento religioso, quando consultavam os adivinhos sagrados e também através do padrão de ordem est tica e cultural que os Romanos copiaram dos helênicos.

Na **era cristã**, especialmente com o *Edito de Milão* (313), promulgado por Constantino, muitas acr poles romanas, com seus templos e mercados foram batizados e convertidos em

abrigos, igrejas e bas licas para congrega es cristãs. Escrevendo sobre a origem da paróquia no mundo urbano, o Pe. Augusto Konig afirma que a Igreja nasceu na cidade e procurou as cidades para evangelizar. Não   atoa que o Apóstolo Paulo   considerado o maior evangelizador de cidades e a primitiva Igreja se instalou nas principais cidades do Império Romano. A esse propósito, não podemos esquecer a obra clássica de Santo Agostinho que, no final do século IV, escreveu a obra *Civitas Dei*, fazendo um apologia do Cristianismo. A inten o de Agostinho   afirmar que a destrui o da cidade de Roma não foi devido   nega o dos cristãos em adorar os  dolos. Agostinho quer ressaltar, ainda, a luta do bem contra o mal, segundo o dualismo maniqueísta, comparando dois tipos de cidades ou dois grandes grupos de homens: um grupo que vive segundo o homem (terreno) e outro que vive segundo Deus (celestial).

Na **Idade Média**, a evolu o histórica da cidade encontra o modelo da Igreja como *Sociedade Perfeita*. A Igreja como Institui o concentra o poder espiritual e administrativo de cidades e estados. Foi neste tempo que originaram as ordens mendicantes, a Inquisi o Eclesiástica e as Cruzadas Cristãs, consolidando a  po-

¹ Cf. LEWIS MUMFORD, *A cidade na história, suas origens, transforma es e perspectivas*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

ca da cristandade em toda a Europa. Na época medieval, a cidade é considerada como uma fortaleza, um lugar de refúgio e uma abençoada ilha de paz. Muitas cidades construídas antes do século IX eram cercadas por grandes muralhas e portões para garantir a proteção de seus habitantes contra invasores. Até o século XI, o castelo ou o mosteiro era o centro urbano, mas depois disto as novas atividades de cidadãos livres foram transferidas para a praça do mercado no subúrbio, necessitando assim, ampliar as muralhas da cidade. Na Idade Média, o fator demográfico quase sempre foi apresentado para sugerir distinções entre aglomerados urbanos e rurais. Houve o trabalho forçado dos escravos a serviço dos cidadãos e homens livres, Por exemplo, nas regiões germânicas da Baviera, Plessner aproveitou a imigração de libertos de uma aldeia para Florença para reduzir o termo do *servo fugitivo*. Na realidade, muitos escravos tentavam penetrar nas muralhas da cidade, procurando ser *homens livres*. Justamente neste contexto histórico, um velho adágio alemão reza: “o ar da cidade liberta os homens – *Stadt luft macht frei*, querendo mostrar com isso, que caso um escravo conseguisse respirar o ar da cidade por um ano e um dia seria um cidadão ou homem

livre. Neste resumo não há espaço e tempo suficientes para fazer uma análise serena das conseqüências deixadas pelo longo domínio da Igreja no desenvolvimento da cidade na época medieval mas, cremos que se pode afirmar que um saldo positivo foi deixado em termos de arte, pintura, construções de catedrais e arquitetura religiosa.

A importância da cidade aumentou consideravelmente em três seqüentes períodos históricos da humanidade.

O **primeiro** período é do final da Idade Média, estando relacionado com as transformações que ocorreram no sistema feudal europeu, conforme descrito acima; o segundo começou no final do século XVIII com a *Revolução Industrial*; o terceiro é dos últimos cem anos, quando começaram a existir as megacidades, metrópoles e as cidades pós-modernas.

O **segundo** período do estudo na constituição da cidade acontece entre os séculos XV e XVIII. Neste tempo, a cidade medieval começa a se desfazer dando lugar e início à época barroca. Em 1760, com a Revolução Industrial na Inglaterra e depois em toda Europa, a cidade moderna é erigida para ser uma conveniência de comércio e praça do mercado financeiro. A Revolução Industrial, através das chaminés e do apito das fá-

bricas e de modo específico com a invenção da máquina no final do século XIX, inserem a cidade no contexto do tipo de produção capitalista, gerando duas conseqüências fundamentais: a decomposição das estruturas sociais agrárias e a emigração da população para centros urbanos já existentes, outorgando a força de trabalho essencial à industrialização.

Há um destaque sobre o sistema capitalista e sobre a obra clássica de Karl Marx, *Das Capital* (1848). Realmente, o capitalismo é muito relevante quanto ao fenômeno urbano a à evangelização. Como Karl Marx afirma: “A produção capitalista, portanto, sob o aspecto de um processo contínuo e articulado de um processo de reprodução, produz não apenas mercadorias, não apenas a *mais-valia* mas também produz e reproduz a relação capitalista: de um lado o capitalista, de outro o trabalhador assalariado”².

Adam Preworsky comenta as relações reproduzidas entre as duas classes, trabalhadores e capitalistas: “as relações capitalistas se reproduzem no

nível micro, uma vez que as relações de classe são produzidas, renovadamente, junto com as mercadorias. A competição garante que a economia capitalista se reproduz com um sistema complexo de divisão de trabalho”³.

Em termos sociólogos, Max Weber (1864-1920), contribuiu imensamente para a evolução urbana quando analisou o capitalismo político e o capitalismo industrial moderno. George Oliven, comentando o pensamento Weberiano, afirma que uma das razões pelas quais o capitalismo não se desenvolveu no Oriente foi exatamente a ausência de cidades definidas de acordo com seus critérios (capitalistas)⁴.

Em 1967, o Papa Paulo VI comenta sobre o sistema capitalista o que segue: “Um sistema que considera o lucro como motor essencial do progresso econômico, a concorrência como lei suprema da economia, a propriedade privada dos bens de produção como direito absoluto, sem limites nem obrigações sociais correspondentes”⁵. No final do século XX,

² KARL MARX, *O capital*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 19 1971, Vol. II, p. 674-696.

³ Adam PREWORSKY, *Estado e Economia no Capitalismo*, Rio de Janeiro: Relume Demara, 1995, p. 95. Tradução de The State and the Economic under Capitalism.

⁴ Cf. George Oliven, *Urbanização e Mudança Social no Brasil*, 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

⁵ PAPA PAULO VI, *Populorum Progressio*, par. 23.

é de suma importância que haja idéias claras sobre o capitalismo avançado, chamado de *capitalismo periférico*. Sintetizando, pode-se afirmar o seguinte: com a instituição absoluta do capitalismo no solo brasileiro, em sua forma neo-liberal e globalizada, o mercado se torna *onipresente, onipotente* e acima de tudo *'eficiente'*. O tipo de capitalismo vigente em nosso país é desumano e concentrador, dependente do capitalismo internacional globalizante. Exige a hegemonia e o total monopólio do capital sobre o trabalho, excluindo por completo a presença humana. Querer viver na cidade, excluindo-se do mercado, a margem dele ou à base de uma economia de sobrevivência é procurar a própria morte. Afinal quem pode viver sendo excluído das necessidades básicas como a energia elétrica, água, habitação, transporte que vêm pelo mercado?

Ainda, uma consideração final sobre este sistema econômico selvagem: é antagônico aos valores cristãos e às atitudes evangélicas da gratuidade, comunidade solidária e perdão. A lei suprema da selva de quem pode mais, ou seja: da oferta e demanda que geram conseqüências sociais graves como a negação da dignidade huma-

na, a exclusão do mercado de trabalho ou o desemprego, a quase falência do serviço público de saúde, as falhas graves no sistema de moradia e na produção e na distribuição de alimentos, na violência urbana e miserável na cidade e no campo, prostituição, desagregação social, favelização e morte.

O **terceiro** período é da cidade no século XX. São as famosas escolas norte-americana e européias que contribuíram para o urbanismo no século atual. Levemos em consideração a contribuição de cada escola na constituição da cidade.

O país que registrou a mais intensa colaboração para o estudo dos problemas urbanos foram os Estados Unidos da América, através do esforço da ecologia humana, feito pelos pioneiros da Escola de Chicago. Manuel Castells comenta: "esse esforço tem, sem dúvida, algo de etnocêntrico e muito de arbitrário, sobretudo a partir do momento em que se trata de dar ao esquema uma legitimidade geral. Mas, o essencial é o passo adiante que representa uma teoria implícita ou explícita do desenvolvimento urbano"⁶. A partir de 1920, o fato de que

a região de Chicago já possuía canais de comunicação naturais e meios de transporte como a ferrovia, fez com que massas de trabalhadores das regiões sulinas dos estados Unidos e especialmente imigrantes de países europeus e asiáticos se fixassem na região. Essas imigrações em massas geram problemas no campo: social, religioso, político e econômico, como também na sub-habitação, na delinqüência, na marginalidade, no choque cultural étnico e, enfim, no problema de planificação. A escola de Chicago, através da Universidade da mesma cidade e da *American Sociological Society* exerceu uma grande influência sobre a análise sociológica do meio ambiente urbano onde se ressalta a figura de investigador e de estudioso de Robert Ezra Park. Os problemas criados pelos imigrantes "extra-comunitários" ocorreram porque estes não foram aceitos pela sociedade americana.

Refere-se a Robert Ezra Park porque, sem dúvida, este é o maior expoente da escola de Chicago. Foi discípulo de Georg Simmel da escola alemã. Park, junto com os etnólogos Ernest Burgess e Roderick Mckenzie observaram a cidade como um organismo social e a definiram sociologicamente como "um estado de espíri-

to, um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizados, inerentes a esses costumes e transmitidos por essa tradição. Em outras palavras, a cidade está envolvida nos processos vitais das pessoas que a compõem; é um produto particularmente da natureza". Nisto é parecido com Oswald Spengler que afirma "A cidade é, para o homem civilizado, o que é a casa para o camponês... A cidade como a choupana do camponês, também tem suas raízes no solo.. e ainda confirma o princípio, que todas as grandes culturas nasceram na cidade. O homem proeminente da segunda geração é um animal construtor de cidade". Park analisa alguns pontos referentes ao comportamento humano no meio urbano, como também a justiça social, a delinqüência juvenil, afirmando mais uma vez que o rápido aumento de crimes nas grandes cidade é devido ao fato de que o elemento estrangeiro da nossa população não conseguiu assimilar a cultura americana. Ligado a isto, existem os estabelecimentos de vício comercializado e tráfico de bebidas que exploram os instintos e apetites da natureza humana. O exemplo da cidade de Chicago é parecido com o contexto nacional brasileiro. Pode-se afirmar que, paralelamente à

⁶ MANUEL CASTELLS, *Problemas de investigacion en Sociologia Urbana in: Sociologia Urbana*, Lisboa:Editorial Presença, 1984, p. 135.

sociedade norte-americana, os migrantes no contexto nacional brasileiro, emergentes do êxodo rural, de modo especial dos estados nordestinos, não são integrados pelas autoridades na nova cultura urbana. Os migrantes, recém chegados arranjam qualquer subemprego, chamado “bico” para sobreviver e passam a vida na nova cidade assim, *arranjando bicos* quando encontram. Não desfrutam, portanto, dos bens da cidade, tornando-se dela deserdados e marginalizados.

O pensamento de Georg Simmel na Escola Alemã é também levado em consideração. A cidade como unidade sociológica possui elementos primários da relação humana que são a lealdade, a amizade, o amor, a dependência, a gratidão e a confiança. Simmel mostrou os efeitos da passagem das formas tradicionais comunitárias da Europa para as formas complexas e anônimas do mundo urbano e industrial. Junto com Max Weber, ele influenciou muito sobre o pensamento da Escola de Chicago.

As tendências de urbanismo de Ebenezer Howard, na escola Inglesa chamada de *Garden Cities of Tomorrow* – Cidades-jardim do amanhã. Vêem o crescimento das grandes

metrópoles como autoderrotador, com o tráfego congestionado, com seus cortiços, sua poluição industrial e a grande parte da população urbana não sendo beneficiada pelas suas instituições superiores. Há um século Howard reintroduziu o antigo conceito grego do limite natural de crescimento da cidade em jardins e cinturões verdes. Em 1904, Howard experimentou, na prática, construindo as cidades-jardim de Letchworth e Welwyn. Com isso comprovou que a construção da cidade provou ser mais barata e mais eficiente respondendo a muitos anseios humanos. O projeto de Howard é considerado como bem humano, comunitário e utópico. Embora o urbanista observa a cidade de Londres, tudo pode ser aplicado literalmente à cidade de São Paulo no ano 2000. Howard, pode ser comparado ao urbanista brasileiro e paulistano Dr. Cândido Malta Campos Filho, quando este último escreve sobre a humanização das cidades no Brasil⁷.

A Escola Francesa é representada pelos pesquisadores franceses Paul-Henry Chombart, Mark Gottdiener, Henry Lefebvre, Manuel Castells e Jean Lojkine. No seu livro, *A Questão Urbana*, Manuel Castells, comenta sobre o pensamento da escola francesa e afirmando que os pesquisadores mencionados consideram como ponto de partida indispensável “a cidade como a projeção da sociedade no espaço. E isto porque o homem se transforma e transforma seu ambiente na sua luta pela vida e pela apropriação diferencial do seu trabalho”⁸.

As décadas de sessenta e setenta deste século ficaram notórias na história da América Latina por sua explosão demográfica em todos os centros urbanos. Conforme uma corrente de intelectuais como Aníbal Quijano, Manuel Castells, Frank Andrew, Paulo Singer, urbanização latino-americana manteve relações de colonialismo, de dependência histórica e comercial dos sistemas norte-americano e europeu. Em seu artigo *Dependência, Mudança social e urbanização na América Latina*, Quijano resume o pensamento de todos quando diz: “Em outras palavras, as tendências específicas que o desenvolvimento urbano assumia dentro da região e dentro de cada país, a concentração regional da urbanização, em especial, foram, em todos os casos, condicionados pelas

relações de dependência da mesma maneira que ainda o são”. Neste sentido muito interessante a conclusão de John Walton no livro de Alejandro Portes & Harley Browning, *Urban Hierarchies and patterns of dependence in Latin America* conclui dizendo que o bode expiatório do atraso e do subdesenvolvimento na América Latina não consiste na deficiência intrínseca da sociedade latino-americana, mas na exploração feita pelas sociedades capitalistas desenvolvidas e também ao colonialismo interno.

As características do homem urbanizado influem no seu comportamento tradicional, familiar, cultural, social, político e religioso. Louis Wirth destaca o individualismo do homem urbano, adquirindo a capacidade de se movimentar no meio da multidão, sem se preocupar com quem está a seu redor. Comportamento este sem referência que Wirth chama de anonimato. Este individualismo do ser urbano é uma moeda de duas faces: na sua face negativa, o indivíduo zela demais pela própria exclusão e falta de solidariedade com os marginalizados. Torna-se como alguém sem vínculos e compromissos. A face positi-

⁷ Cf. CÂNDIDO MALTA CAMPOS FILHO, *Cidades brasileiras, seu controle ou o caos*.

⁸ MANUEL CASTELSS, *A Questão Urbana*,

va é a dignidade e singularidade de cada pessoa humana. Traduz reação contra a massificação e que alguns erroneamente chamam de liberdade. Ligado ao individualismo está a solidão e a procura da falsa felicidade no consumismo apresentada pelos Mass-Média. Como resultado final, o homem urbano vai moldando uma consciência autônoma, subjetiva e intimista. No seu comportamento moral e ético, e para ser totalmente livre, nada lhe pode ser proibido, é tudo permitido. Acaba por destruir a liberdade que pretendia encontrar no ambiente urbano, quando foi expulso da roça pelo êxodo rural. Ameaçam-lhe o tédio e a desilusão, a violência urbana, o desemprego. Não vê a hora em que possa ter um feriado para fugir da cidade mesmo que seja por um dia. Bate-lhe uma saudade para o retorno às origens, mas sente-se impotente para fazê-lo.

O ensinamento oficial da Igreja pouco abordou a Pastoral Urbana. Encontram-se alguns trechos e algumas referências nalguns documentos aqui e acolá. Perante esta lacuna, no seu artigo *Evolução da Pastoral Urbana*, Comblin em: Ernane Pinheiro, *Pastoral Urbana*, p. 33, chega a fazer um questionamento: "Será a pastoral urbana uma prioridade hoje em

dia? Não me atrevo responder". O Instituto de Pastoral do CELAM organizou o primeiro encontro sobre a Pastoral das grandes cidade na América Latina, aqui em São Paulo no ano de 1965. Três anos depois deste encontro, Pe. José Comblin escreveu uma grande obra clássica: *Teologie de la Ville*, tratando da problemática da cidade. Atualmente, o CELAM e a CNBB fazem propostas e traçam novos modelos para uma Igreja que busca uma pastoral adequada para a cidade, superando as diferenças criadas pelo contexto social político e religioso. Convém lembrar que o 5º Encontro Nacional dos Presbíteros em 1993, abordou o Presbítero no processo de urbanização. Mesmo nesta últimas três década, muito se falou e escreveu sobre o trabalho da Ação Pastoral na cidade.

Embora possa parecer que há um desenho de um quadro social negativo da "triste realidade urbana", a cidade não se tornou e nem consiste somente em lugar de desgraças. Se assim fosse, ninguém viria morar nela. Desde os tempos remotos, a cidade se apresenta como o melhor abrigo para a humanidade. Já na Idade Média, era considerada como um lugar onde o homem poderia conseguir a liberdade e viver como cidadão. A

Cidade é o espaço maior para a busca justa da auto-realização, da liberdade e da felicidade. Ela tem sido o sonho da maior parte do povo rural nestes últimos cinquenta anos, já que no presente 80% da população brasileira passou a ter o seu *habitat* na cidade.

No início, foi afirmado que o fenômeno urbano apresenta o maior desafio para a evangelização da cidade. Justamente porque isso é devido os novos valores que o sistema econômico, político e, especialmente, os MCS introjetaram no ser humano e no meio urbano. Fizeram com que o homem se fechasse em si mesmo, tornando-se intimista, procurando a própria satisfação e introduzindo nele uma religião privada totalmente alheia aos valores do Evangelho e da Igreja como comunidade de amor.

EVANGELIZAÇÃO DA CIDADE

O Concílio Vaticano II foi um *Kairos*? verdadeiramente um tempo de graça, para a vida da Igreja e para ação evangelizadora. A Primeira Evangelização na América Latina, o significado e o objetivo da Evangelização no Novo Testamento, o ensinamento da Igreja e o tema da Nova Evangelização tem aí suas mais profundas raízes.

Quanto à primeira evangelização, pode-se afirmar claramente que os missionários europeus trouxeram para a América Latina o modelo da Igreja que vigorou na Espanha e em Portugal e que foi concretizado durante o período da colonização. Neste sentido, a definição da Igreja como sociedade perfeita norteou toda uma prática missionária da igreja durante séculos e, a sacramentalização sempre precedeu a evangelização. Paulo Suess, no livro *A Conquista Espiritual da América Espanhola* constata que apenas 12 frades franciscanos batizaram 4 milhões de indígenas. Convém – já que nos próximos meses iniciaremos as celebrações dos quinhentos de Primeira Evangelização – que nós façamos uma avaliação sobre esta questão, ou seja, a "sacramentalização e a evangelização".

Na Nova Evangelização, é necessário refletir e analisar os documentos Pontifícios e Episcopais como, por exemplo: EN, Medellín, Puebla e as Diretrizes da Ação Evangelizadora da CNBB doc. nº 61. Referente a missão e a formação dos leigos como protagonistas da evangelização na cidade e no mundo, devemos nos apoiar nos documentos: *Ad gentes*, *Christifidelis Laici*, *Redemptoris Missio*, os últimos dois planos, 6º e 7º

de Pastoral da Arquidiocese de São Paulo "missão na cidade" e nos anais da Primeira assembléia da Arquidiocese de Belo Horizonte. Para o estudo da Evangelização e a Cultura pós-moderna, a Modernidade e a Pós-Modernidade, devemos nos basear nos documentos: GS, EN, Doc. 61 da CNBB, DSD, e em artigos de teólogos renomados.

Os documentos do Magistério Pontifício e Episcopal ajudam a iluminar os agentes de pastoral na dinâmica evangelizadora quando se trata de temas como: diálogo, metodologia urbana, pluralismo religioso e culturais e, enfim, as mudanças socio-econômicas no sistema globalizado as qual foram referidas anteriormente. Isto justifica o fato do porque, nesse estudo, a exposição dos ensinamentos da Igreja referentes à evangelização antecederam as reflexões teológico-bíblicas. Embora o ensino da Igreja é baseado na Palavra de Deus, frisamos que é uma das tarefas importantes da Igreja inculturar o Evangelho nas novas realidade que vão surgindo. Considero esse assunto *conditio sine qua non* para o desenvolvimento do tema. É preciso, portanto, iluminar o tema com uma bem fundamentada reflexão bíblica, mormente a que se refere as duas comunidades cris-

tãs de Jerusalém e de Antioquia no livro dos Atos, a vida, a missão, a teologia e o testemunho de Paulo, como o maior evangelizador de cidades e, ainda, o Livro do Apocalipse quando descreve a caminhada da humanidade de Babilônia à Jerusalém Celeste.

AS EXPERIÊNCIAS DA DIOCESE DE SANTO ANDRÉ E DA DIOCESE DE BELO HORIZONTE

Há um quadro histórico muito interessante – paradigmático – da caminhada tão sofrida e histórica dos metalúrgicos do ABC. Neste se pode decifrar o rosto da Diocese de Santo André que, desde a indicação do primeiro bispo, Dom Jorge Marcos de Oliveira em 1954, esteve a favor dos metalúrgicos e operários nas grandes indústrias automobilísticas implantadas nesta região. Isto ficou bem evidente, na década de 80, na época das greves os metalúrgicos que paralisaram o país, quando tiveram o apoio irrestrito da Igreja Particular de Santo André. O segundo bispo, Dom Cláudio Hummes foi chamado a intermediar as negociações entre empresários e operários. Percebendo que não era possível existir um equilíbrio de forças entre as duas partes, já que os operários eram desprotegidos, ele to-

mou posição em prol dos trabalhadores. Em março de 1980, o mesmo, falando com os operários na Vila Euclides em São Bernardo do Campo, afirmou: "da parte da diocese de Santo André, nós nos colocaremos completamente a serviço de vocês. Tudo que tiverem necessidade e o que vocês decidirem que devemos fazer, nos estamos prontos a fazer" (cf. a *Folha da Diocese de Santo André*, abril 1980, p.1). Em seguida, ordenou aos padres que abrissem as portas das Igrejas para que os operários fugissem das bombas, de gás lacrimogêneo e da violência policial.

Na mesma Igreja Particular de Santo André, tive uma outra grata experiência pastoral: na paróquia de Cristo Operário, na Vila Linda, onde trabalhei por sete anos como pároco, foi realizada uma experiência pastoral de catequese familiar. Através dessa experiência original, posta em prática no contexto da *Catequese Renovadora*, foi possível penetrar nos prédios e condomínios, realizando um trabalho profícuo com os pais dos catequizandos e não apenas uma preparação tradicional para a recepção do sacramento. Como sabemos, os prédios e condomínios fechados apresentam grandes obstáculos para a ação evangelizadora.

O Projeto Pastoral *Construir a Esperança* da Arquidiocese de Belo Horizonte é outro exemplo de ação evangelizadora da cidade. O projeto foi muito útil para a pastoral urbana. O PPCE, em 9 anos de caminhada, conseguiu dar passos de gigante no trabalho social, na Pastoral de Juventude e com os subsídios para a homilia dominical distribuídos em toda a Arquidiocese de BH.

PROPOSTAS

Do estudo feito e das experiências citadas, cuja extensão e alcance não são possíveis de retratar num simples artigo, procurei obter alguns elementos, pistas e propostas para um trabalho de pastoral urbana. As exigências da evangelização conseqüentes das comunidades das primitivas cristãs são analisadas e explicadas. Deste modo, foram elencados as conclusões em termos das exigências intrínsecas da evangelização: *κεριγμα, κοινωνια, λειτουργια, διακονια διαλογος ε Μαρτυρια.*

O primeiro anúncio (*κεριγμα*) "Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura". (*Mc 16,15*) é o mandato do Senhor. Em termos de primeiro anúncio, a preparação aos sacramentos sofre de um mal crônico em certas paróquias ur-

banas. Toda preparação aos sacramentos é reduzido aos *cursinhos*, às vezes desanimados. Neste sentido, proponho que os "cursinhos" sejam substituídos por encontros bem preparados em pequenos grupos ou nas casas, onde possam ser levados em conta prioritariamente, os valores da cordialidade, fraternidade cristã e atendimento personalizado. Ainda no kerigma, gostaríamos que todos nos lembrássemos da admoestação que o nosso Pastor e Bispo Dom Décio faz quando fala do ano missionário na Diocese de Santo André: "A perspectiva missionária vai ser constante, tanto é que os bispos já decidiram, no ano passado, que não vai haver mudança nesta proposta" (cf. anexo 2, p.360).

O princípio teológico Paulino que todos nós formamos em Cristo **um só corpo e um só povo** (κοινωνία), exige comunhão fraterna e comunhão eclesial. Imitando o exemplo das comunidades cristãs paulinas e lucana, cremos que o Projeto das Dioceses e das Paróquia-Irmãs é o início da koinonia. Colocam-se como pressupostos para este projeto, as virtudes cristãs e evangélicas da solidariedade, da partilha e da comunhão fraterna. Outra constatação importante dentro desta perspectiva: perante as

novas características do homem urbano, a pertença à comunidade deve ser revalorizada. Isto porque, o convívio comunitário em que o catecúmeno é acompanhado e amadurecido está dentro de um processo gradativo e progressivo. Enfim a comunidade é o lugar concreto onde a koinonia se realiza.

Na dimensão litúrgica, destaca-se e propõe-se que a celebração e a **recepção de todos os sacramentos** (Λειτουργία) devem ser encarnadas na realidade e na vida urbana. Como? Usando criatividade, podendo ser adaptadas celebrações litúrgicas aos momentos mais sensíveis da vida humana, especialmente na hora de nascimento, de casamento, de doença e de morte. Enfrenta-se um grande desafio e se sente consternado quando se nota que a massa dos jovens está praticamente ausente na liturgia. Isto é devido ao fato de que os ritos, gestos e as cerimônias litúrgicas não levam em conta a linguagem do jovem. Consequentemente, provocam neles pouco entusiasmo e falta de participação consciente. Embora que é este o caminho, admira-se como a juventude participe e vibre nas celebrações da RCC. Querendo, porém, um outro exemplo de celebrações vivas, encarnadas, deve-se olhar para as ce-

lebrações realizadas no 9º encontro das CEBs na cidade de São Luiz de Maranhão em julho 1997.

Testemunhamos todos os dias que o número dos que procuram assistência social nas nossas secretarias paroquiais é bem maior daqueles que pedem ajuda espiritual. Perante os dois flagelos do desemprego e do fluxo migratório, todos se sentem limitados. Diante desses dois problemas sociais graves se propõe que o ministério de acolhida e do serviço (διακονία) seja exercido não só na hora das celebrações litúrgicas, mas especialmente em todos os grupos, movimentos, associações e nos centros urbanos.

Para evangelizar a cidade, é indispensável o diálogo com as culturas (διαλογος), com as diversas formas culturais da modernidade e com o pluralismo religioso existentes na cidade. É muito importante que, em cada Igreja Particular, haja equipes ecumênicas para rezar e procurar o caminho da unidade que o Mestre quis, quando pronunciou: "Para que todos sejam um"

O **Testemunho da Comunhão Eclesial** (μαρτυρία) está presente na nossa vida e no nosso trabalho pastoral de evangelização urbana. Todas as Comunidades Cristãs devem enfrentar o grande desafio e o compromisso de

impregnar a luta contra as causas que geram o desemprego, a violência urbana e os problemas sociais graves.

CONCLUSÃO

Finalizando esse estudo, deixo como conclusão os seguintes pontos:

1. A humanização da cidade torna-se uma urgência e uma causa nobre perante a de segurança e diante da violência urbana. As Pastorais, os Movimentos e todas as forças vivas das Comunidades Paroquiais podem contribuir muito neste trabalho, de resgate da dignidade humana.

2. A cidade é o *habitat* de 80% da população brasileira, e, também, a sede e o lugar da realização humana. O Deus das cidades bíblicas de Babel, Sodoma, Ninive, Jerusalém, Cafarnaum é o mesmo das cidades brasileiras de São Paulo, Santo André, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Londrina etc. É justamente nestas últimas que há os grandes desafios de ler os sinais dos tempos e a responder com novo ardor, com novos métodos e com as novas expressões para que o Reino possa acontecer.

3. É necessário combater e denunciar, energeticamente, as novas tendências humanas do individualismo, intimismo e auto-satisfação das religiões privadas já que estas contrariam a

vivência comunitária e os valores evangélicos. O retorno ao Sagrado, tão típico dos movimentos intimistas, não deve fazer com que a comunidade cristã retroceda para o mundo da religiosidade tradicional, deixando de lado a parte social do Evangelho e, especialmente, a opção preferencial e profética pelos pobres.

4. A Encarnação do Filho de Deus dá a coragem de enfrentar o desafio de encarnar a espiritualidade na realidade urbana e inculturar a fé e o Evangelho nas grandes massas des-cristianizadas. Como o Apóstolo Paulo, que não desanimou quando saiu frustrado do areópago em Atenas, nós, também, como agentes de Pastoral, não podemos ficar inseguros, medrosos e desanimados quando experimentamos a tensão interna entre

movimentos religiosos e comunidades, entre evangelizadores e sacramentalizadores. O olhar sobre todo o conjunto da cidade nos ajuda sair da auto-suficiência e de abrir-nos à missão evangelizadora atendendo a verdadeira essência da Igreja que é missionária. Se o Mestre nos chamou para ser “*sal da terra, luz do mundo e fermento na massa*”, precisamos acreditar na sua promessa e na certeza da sua presença e na luz constante do Divino Espírito Santo na nossa caminhada.

Síntese da Tese de Doutorado em Teologia Pastoral apresentada pelo Pe. Lourenço Gauci na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo.

CORPOREIDADE E CONJUGALIDADE NO SACRAMENTO DO MATRIMÔNIO

Altimira de Sampaio Pinto Saraiva

INTRODUÇÃO

A Corporeidade é elemento essencial para a realização plena do sacramento do Matrimônio. Os cônjuges, fiéis à promessa que fazem no dia de seu casamento, vivem a conjugalidade, que consiste em levar até as últimas conseqüências o que juraram diante de numerosas testemunhas.

O objetivo do presente trabalho é refletir sobre a corporeidade e a conjugalidade existentes no relacionamento do casal. Marido e mulher transbordam no coração do outro a plenitude do amor de Deus, traduzindo esse amor através de seus próprios corpos.

Os dois termos: corporeidade e conjugalidade, embora não sinônimos, se entrelaçam no decorrer do trabalho e assim como o corpo e a alma fazem parte de um todo, assim também a corporeidade e a conjugalidade se complementam, fazendo parte integrante da vida do casal unido pelo sacramento do Matrimônio.

Essa monografia mostra que o conceito de Corporeidade entende o ser humano como um todo, sendo de interesse da Teologia Moral, em seu

conjunto, afirmar que tanto a carne como o espírito precisam ser evangelizados.

O conceito que entende o ser humano como um ser total está presente tanto na Bíblia, como nos primeiros documentos da Igreja como também na obra do Pe. Henri Caffarel, fundador do movimento das Equipes de Nossa Senhora (ENS).

O texto bíblico escolhido para a reflexão sobre conjugalidade e corporeidade foi o Cântico dos Cânticos, dos documentos da Igreja primitiva foi escolhida a Carta a Diogneto e da obra do Pe. Caffarel, o livro Amor e Graça

No Antigo Testamento, o homem bíblico é corpo, espírito e coração que não são componentes mas dimensões do mesmo ser. Assim sendo, não há dualismo entre corpo e alma para o Antigo Testamento. Do corpo nasce a história do Povo de Israel e na história o corpo faz-se humano; é na história do ser humano que o Povo de Israel vive o processo de sua caminhada através da História da humanidade.